



GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO RN

Maria da Luz Duarte Leite Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e-mail: lulinhaduarte@hotmail.com

Maria Macivânia da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e-mail: macivania@gmail.com

Albert Italo Leite Ferreira

Universidade Federal Rural do Semi-Árido, e-mail: italo_leite@hotmail.com

Thiago Wenzel Cortez da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: thiagugato@hotmail.com

RESUMO: A pesquisa objetiva-se analisar os gêneros textuais a partir de um estudo de caso em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, na cidade de Rafael Godeiro/RN. Atenta-se para o desenvolvimento do aprender a aprender dos alunos, bem como a visão dos mesmos sobre a leitura e produção por meio do contato dos gêneros. Para respaldar a análise subsidiamos das teorias de: Scheneuwly (2004), Bakhtin (1997), Marcuschi (2008) dentre outros que tratam da temática. Este estudo possui relevância no ensino dos gêneros textuais. Por fim, Constatamos que não há um desenvolvimento por completo nas aulas com os gêneros.

Palavras- chave: Aprender, leitura, gêneros.

Introdução

Estamos inseridos em uma perspectiva sociointeracionista, nos encontramos em constante interação com a realidade subjetiva, apresentada através dos gêneros textuais. O Ensino de Língua Portuguesa trata da compreensão e produção de textos nas salas de aula. Assim, consideramos importante saber que todo texto se organiza dentro de um gênero em função das intenções comunicativas dos falantes e as condições de produções de discursos.

Desta feita, dizemos que o objetivo geral deste trabalho é investigar o modo como os discentes de uma turma do 5º ano do ensino fundamental I refletem sobre os gêneros textuais apreendidos nas aulas de língua portuguesa.

Para realização da pesquisa subsidiamos de um questionário semiestruturado aplicado aos alunos da turma pesquisada. Os dados coletados foram trabalhados por meio de gráficos, os quais apresentam as impressões que os alunos possuem sobre os gêneros textuais, como também seus usos e funções sociais.

Perspectivas Teóricas de estudo de gênero

O estudo dos gêneros discursivo-textuais abrange diversos campos de pesquisa, indo da análise do discurso à linguística aplicada. Em suma, vários autores mostram-nos a importância e

complexidade da linguagem enquanto responsável pela comunicação entre indivíduos, por meio de suas teorias. Marcuschi (2008, p. 152) diz que os gêneros estão em uma perspectiva retórica e “[...] agora sai dessas fronteiras e vem para a linguística de maneira geral, mas em particular nas perspectivas discursivas”.

É por meio desses estudos que é mostrado o funcionamento da língua e as premissas que cada situação enunciativa possui. Nesse sentido, destacam-se algumas teorias como: sociosemiótica, sociorretórica, interacionista-sociodiscursiva, semiodiscursiva, sociocognitivista e a dialógica. Cada uma enfatizará a relação sociedade e linguagem por meio dos gêneros, criando discussões teóricas, metodológicas no que diz respeito ao letramento, prática pedagógica e formação de professores na língua materna.

A perspectiva sociosemiótica é o estudo dos signos e significados, ligado a configuração contextual e textual dos gêneros textuais. Baseia-se na análise crítica do discurso, por meio de metafunções (ideacional, interpessoal e textual) que permitem fazer escolhas lexicais gramaticais. Assim, constrói e reconstrói padrões de uso da língua em diversos contextos situacionais (imediatos) e amplos (culturais).

A metafunção ideacional representa a realidade. Trata-se das representações dos enunciados experienciais que são os conteúdos das ideias. Ligado ao campo que é onde a ação é desenvolvida. A metafunção interpessoal permite representar ações dos sujeitos dentro da realidade social, estabelecendo afinidades entre os participantes da interação. Dessa maneira, caracteriza os diálogos entre diferentes enunciados e enunciadore, determinando que os sujeitos participem e determinem a interação. Por fim, temos a metafunção textual, que trata da organização do texto, estrutura, formatação, coerência e coesão, ligada ao uso da linguagem por um canal (falado ou escrito) de comunicação e a forma retórica (persuasão, exposição), procurando estabelecer a relação do discurso e a estrutura social (normas, convenções e significados). “[...] todo enunciado em um texto é multi-funcional [...] não olhamos separadamente para as suas diferentes partes: [...] olhamos [...] como um todo a partir de diferentes ângulos, [...] contribuindo para a interpretação total.” (HALLIDAY e HASAN, 1989, p. 23).

Em síntese, a abordagem sociosemiótica busca entender a relação entre discurso e estruturação social, enfatizando a linguagem como prática social e cultural de significação e semioses, relevando (i) experiências diárias, (ii) (re) elaboração das relações interpessoais e (iii) aparecendo na forma de textos sócio-históricos.

A perspectiva sociorretórica está ligada à estrutura organizacional do texto e os aspectos formais. Preocupa-se com a escrita e com a maneira com a qual o texto está organizado e quais os

elementos articuladores. Considera-se a materialização das situações comunicativas, apresentando assim uma tipificação essencial da comunidade discursiva, determinando o uso linguístico de acordo com os falantes dentro de um contexto.

Dentro dessa proposta, chega-se a três palavras que se tornam centrais dentro dessa perspectiva: *comunidade discursiva*, relacionada ao ensino de produção de texto como atividade socializadora que possui objetivos usuais, com seus produtores de discursos trocando informações, além do léxico que cada comunidade desenvolve dentro de um gênero; *a tarefa*, a qual cada indivíduo tem o dever de se comunicar buscando sempre o padrão original de sua comunidade; e o próprio *gênero*, que é o resultado final das trocas de enunciados. Aqui o gênero é concebido como ações sociais intercedidas pela fala/discurso que divide intenções comunicativas específicas, sendo que essas intenções são reconhecidas pelos mais experientes de cada comunidade.

A perspectiva interacionista-sociodiscursiva busca delinear as características dos enunciados/discursos do funcionamento dos gêneros textuais e habituar das capacidades de linguagem para serem aplicadas na prática social e didática. A linguagem aqui se concretiza por meio de articulações enunciativas na interação social. O texto nessa abordagem é portador de sentidos e solidificado no mundo vivido, no pensamento sóciohistórico construído. Bronckart (1999, p.137) acrescenta ainda que os textos são “[...] produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais [...]”.

É por meio das interações que se dá o discurso, o foco é na ação dos sujeitos em sociedade. Porém, é por meio das atividades práticas com a linguagem, que se fará uma articulação mútua que trará nas análises das propriedades e efeitos discursivos de textos e discursos como manifestações da atividade socializadora do linguajar humano.

Em suma, essa perspectiva enfoca relações entre atividade humanas, os textos e os discursos, a interação entre linguagem, pensamento e o agir sobre a língua. Procura compreender os gêneros como “[...] reguladores e como produtos das atividades sociais da linguagem” (MACHADO, 2005, p. 249) e “[...] como ferramenta da ação de linguagem e a ação de linguagem como reformuladora do gênero” (MACHADO, 2005, p. 251). Portanto, determina as formas comunicativas que consolidam e dão significados aos enunciados.

A perspectiva semiodiscursiva considera os gêneros textuais como “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sóciohistóricas estão presentes” (MAINGUENEAU, 1991, p. 61), ou seja, no sentido de exposição oral ou escrita de um discurso em certo momento histórico, em uma parte em que os aspectos estejam atrelados a um fato ou mesmo enquadramento de uma situação já vivenciada.

Busca-se nessa abordagem entender o gênero como algo característico em uma situação linear, algo rotineiro, atrelado à estrutura de cada enunciado; além disso, relaciona-se com as atividades de linguagem, a finalidade, o tempo em que esse discurso circula, e como ele se organiza.

A perspectiva sociocognitivista está relacionada com as relações das competências sociais e cognitiva de comunicação, que são construídas por meio dos discursos. Surgem e são regularizadas nas práticas sociais.

Dessa maneira, a linguagem e as interações estão relacionadas à mente humana, para que se averiguem as ações da linguagem e a materialização em gêneros de textos. É imprescindível que se entenda que, para essa abordagem, há uma possível interação entre o corpo e mente, e que de acordo com Marcuschi (2005, p. 63): “Os corpos que encorparam essa mente são fundamentalmente os mesmos para todos os humanos e essa característica os faz, terem as mesmas experiências numa dada coletividade”. Assim, mesmo sendo de culturas diferentes, alguns processos de categorização tem por base a experiência.

As competências sociais e cognitivas que possuímos fazem diferenciar os gêneros, isso está relacionado com o conhecimento de como se articula a linguagem, se planeja, elabora e desempenha estratégias para sua construção e interpretação dos textos que circulam socialmente, produzidos nas situações de interação.

Busca-se estudar as relações da junção entre a mente e o social. Portanto, analisar os gêneros sob essa abordagem é identificar quais as intenções comunicativas nas ações da linguagem que são flexíveis a depender da interação autor-texto-leitor.

A perspectiva dialógica caracteriza-se pelo diálogo entre enunciador e enunciatário. Nas palavras de Barros (2003, p. 2), “[...] é a condição do sentido do discurso”, ou seja, é uma interação verbal entre os sujeitos participantes do discurso. No caso da interação verbal, temos a linguagem como forma de interação entre os seres humanos que propicia o envolvimento entre os interlocutores. Assim, encontramos-nos em uma relação dialógica entre o eu e o outro no discurso e no texto, estabelecendo uma relação de alteridade, sendo este essencial para compreensão da conversação, na constituição do sentido. Já na intertextualidade percebemos na construção de sentido a presença do outro na complementação do discurso.

O enunciado materializa as condições, usos e finalidades de cada esfera social de comunicação em que eles circulam. As esferas sociais são espaços de regularização e significação dos gêneros, lugar de interação em que se constituem e funcionam.

Nos tocante aos gêneros, o sujeito verbal sempre é social, visto que sempre se constitui por meio das vozes marcadas nas relações dialógicas. Dessa forma, o entendimento da concepção

dialógica da linguagem nos revela que o sujeito se constitui na relação com os outros. Na voz de Bakhtin (1997, p. 317): “nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento”. O discurso funciona como mediador de interações e interpretações, permitindo que o sujeito tome decisões e dê sentido aos enunciados.

Em síntese, essa abordagem está em confluência com as demais perspectivas atuais de pesquisas de gêneros do discurso em linguística aplicada (sociossemiótica, socioretórica, interacionista-sociodiscursiva, semiodiscursiva e sociocognitiva), que vêm contribuir para a compreensão da relação dialógica entre sociedade e linguagem e para o papel dos gêneros textuais nessa interrelação entre os sujeitos ativos no processo de construção do discurso.

Gêneros orais, escritos e multimodais

Quando usamos a linguagem, estamos realizando ações de singularidade e sociais que vão se materializar por meio dos gêneros textuais. O que vem ocorrendo são mudanças na fala e escrita em relação aos gêneros e o ensino, isso porque a língua é objeto de atividades interativas, sociais e cognitivas e no âmbito escolar se referia à norma culta, a gramática. Nesse sentido, “[...] a língua é um fenômeno cognitivo sócio-comunicativamente motivado no processo interativo. [...] é tanto uma forma de ação, como uma forma de produzir sentidos. Trata-se de um sistema não-autônomo [...] e indeterminado [...], sempre situado [...]”. (MARCUSCHI, 2002, p. 9). Dessa forma, a língua não se restringe somente a aspectos formais. Por meio da linguagem é que se dão os múltiplos sentidos, em que estamos lidando com situações reais, rotineiras que utilizamos empiricamente, seja em diversas situações formais ou informais.

A escrita e a oralidade inicialmente tiveram uma visão dicotômica e tratada como estanques. Elas são atividades interativas que se completam no contexto das práticas sociais e culturais, possuindo um efeito de mutualidade, em que uma pode sustentar a outra. Esclarece Marcushi (2001, p.28) que “a perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como lugar do erro e do caos gramatical, tornando a escrita como o lugar da norma que efetivou-se”. Essa dicotomia entre o oral e o escrito foi-se ao longo do tempo sendo desmistificada a partir de novas concepções que surgiram, uma vez que os conceitos da fala e a escrita vão se abrangendo, pois ambos é a capacidade do homem acrescentar modelos de textos para a produção do gênero escolhido. Essa duas modalidades tem um suporte, os gêneros orais tem suporte na voz e os escritos no verbal, porém, o escrito no caso de entrevistas, debates necessitam de uma realização oral.

Não podemos falar sobre a superioridade da escrita em relação à fala, pois ambas possuem características próprias dentro de um sistema linguístico. Não existe razão para desprestigiar uma ou

outra, cada uma possui um papel dentro da sociedade, apesar de terem campos distintos e características singulares.

Os gêneros textuais estabelecem nesse contexto uma maneira significativa, uma vez que através deles podemos perceber as diferenças entre oralidade e escrita, pois ambas acompanham o desenvolvimento da organização da sociedade, tendo um aspecto interativo das práticas comunicativas. Marcushi (2001, p.37, grifo do autor) afirma que “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”.

A relação intergêneros faz uma diferenciação e ao mesmo tempo pauta os textos pertencentes a cada modalidade, conteúdo as quais aparecem em um leque de variações, acarretando as diferenças e semelhanças que possibilita a identificação dos gêneros nas suas particularidades e estrutura, sempre analisando o texto e seus elementos constitutivos. Conhecer o significado de um texto é ter um conhecimento intertextual, pois o conhecimento do gênero nos fornece um viés para interpretação. O texto funciona como um quebra-cabeça de outros textos, apresentando fragmentos, caracterizando uma pluralidade de atributos como seleção lexical, nível de formalidade, fazendo uma distinção dos textos, seja orais ou escritos. O texto escrito não é o único que garante comunicação interpessoal. Seja qual for sua modalidade de concretização, essa passa pelos diferentes pontos de vistas e a várias vozes, que tem um locutor que produz e fala por meio de enunciado.

Através dessas interações, surgem novas escritas, textos com formatos diferentes e as vezes difíceis de serem identificados. Trata-se dos gêneros multimodais, os que apresentam elementos semióticos na sua estrutura, marcas registradas tanto em produções de textos escritos como orais, afirmando assim a existência de uma pluralidade de linguagens.

A visão ainda presente e defendida por muitos de que oralidade e a escrita são distintas, está deixando de existir, pois com os avanços e pesquisas percebe-se o aparecimento de uma ligação entre o oral e o escrito. Esse fenômeno se torna mais comum nos dias atuais apresentando o surgimento de outros gêneros. Esse fato permite-nos a inferir que os gêneros redefinem os limites entre fala e escrita, discutem a aplicação desses limites tendo em vista a complexidade de classificar determinados gêneros textuais em função da existência de elementos comuns as duas modalidades.

Todas as modalidades da linguagem podem atuar em conjunto, em prol da composição textual. Adiciona-se a linguagem imagética dentro das produções, acarretando uma junção entre os signos escritos, verbais e visuais, mais conhecido como os elementos semióticos que mostra o sentido e os recursos utilizados na construção de textos. É dentro dessa nova forma de produção de

textos que vemos a importância dos elementos constitutivos e composicionais. São eles que ampliam a visão do leitor, no qual estamos aptos a ver textos com diferentes linguagens e códigos linguísticos. A multimodalidade vem acrescentar um novo significado de texto. Esses modos distintos de construir um texto ocasionam modificações no sentido e significado que as pessoas dão aos textos, superando assim, a prioridade à palavra. A Multimodalidade propicia o intervir de múltiplos e diversificados recursos de construção de sentido.

O professor precisa repensar sua didática, considerando os gêneros escritos e os gêneros orais, suas transformações, necessidade do avanço de novas tecnologias e formas de comunicação, pois “o desenvolvimento da língua oral e da escrita se suportam e se influenciam mutuamente [...]”. (TERZI, 1995, p.91). Desse modo, é necessário ver que as propostas de trabalho com os diferentes textos, seus suportes e circulação apoiam-se na necessidade de falar e no ambiente, contribuindo para o aparecimento de novas formas de enunciados orais, escritos e sincréticos.

Participaram desta pesquisa 21 (vinte e um) alunos. Dentre os pesquisados, temos as seguintes características: A turma é formada por 23 (vinte e três) discentes, desse total, 21 (vinte e um) responderam ao questionário, os demais haviam faltado no dia em que foi aplicado o mesmo. Ressaltamos que os alunos terão suas identidades preservadas. Quando questionados se eram novatos ou não na série em que estão atualmente matriculadas, as respostas dos educandos foram unânimes, que não eram novatos. Em relação à faixa etária dos discentes, através dos dados coletados temos uma aluna com 9 (nove) anos, um aluno com 11 (onze) anos, estando este fora de faixa, os outros 19 (dezenove) tem 10 (dez) anos de idade, sendo esta a faixa etária adequada para o 5º ano em que estão cursando.

Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de um questionário aplicado a 21 (vinte e um) alunos, neste ano-2016, cujas questões referem ao conceito de gêneros textuais e perspectivas de estudo dos gêneros. Para realizar este estudo, utilizaremos o método qualitativo, com o interesse de desvendar o objeto de estudo, considerando os fatos reais, fundamentados em questões metodológicas com a finalidade de observar, analisar e constatar a veracidade de tudo o que foi observado e coletado.

O questionário é um modo de coletar dados utilizados numa sondagem ou inquérito. Por meio deste é que se estrutura as perguntas de acordo com o objeto de estudo. Segundo Gil (1999, p.128) pode ser definido “[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo [...] opiniões”.

Diante do exposto, percebemos que o questionário não se limita a um número exato de questões, pois é por meio dessa semiestrutura que conseguiremos descobrir o que o(s)

entrevistado(s) pensa(m) sobre determinada temática, bem como suas opiniões e posicionamentos.

O estudo de caso que é o foco desta pesquisa trata-se de uma abordagem metodológica de investigação, em que procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos particulares, nos quais existem diversos fatores envolvidos. Para Pontes (2006, p. 2) o estudo de caso: “É uma investigação que [...] debruça deliberadamente sobre uma situação específica [...] procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse.” Diante do exposto, percebemos que o estudo de caso tem limites, uma fronteira, em que o pesquisador se limitará a pesquisa algo singular, que necessita ser identificado em um dado ambiente.

Os gêneros na escola: teoria e prática

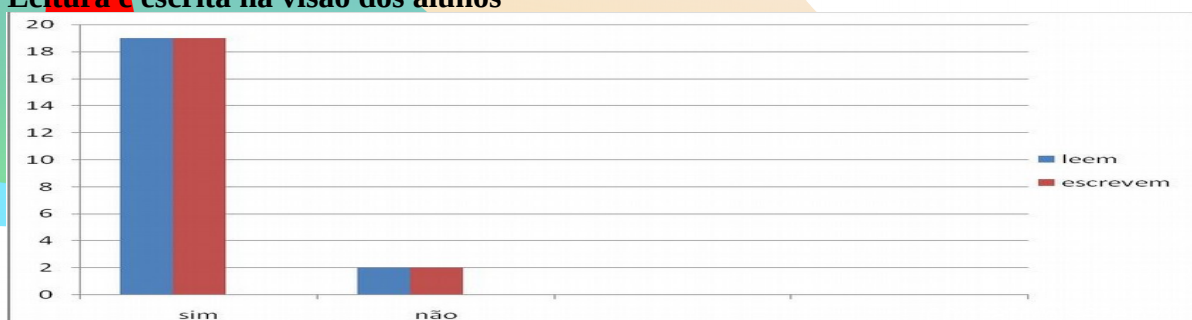
Por meio das repostas dos alunos iremos tentar diagnosticar quais suas dificuldades na hora de produzir, quais textos eles tem mais contato. Assim, veremos na visão dos alunos como o Ensino de Língua Portuguesa, utilizando os gêneros textuais, colabora para tornarem bons produtores de textos e leitores, aptos a adequarem os enunciados a diferentes situações sociocomunicativas.

Procuramos estabelecer relações dialógicas com os alunos, explicando passo a passo as perguntas para que houvesse um melhor entendimento por parte deles e que as respostas fossem mais precisas. Saber a opinião dos alunos nos faz entender como o processo de ensino e aprendizagem é visto pelos educandos, como o percurso metodológico acarreta um ensino mais significativo, produtivo e se de fato o trabalho com os gêneros textuais surte efeito, em relação à produção escrita e a oralidade na disciplina de língua portuguesa.

É importante questionar aos alunos e saber a verdadeira situação enfrentada quando o assunto são os gêneros textuais e suas modalidades. Assim, estipulou-se um questionário que pudesse esclarecer qual o contato com os textos, o hábito de ler, as dificuldades e o que mais gostam de produzir.

Representamos graficamente as respostas obtidas por meio do questionário. Salientamos que as respostas revelam o caminho percorrido em relação à metodologia, à exploração dos gêneros textuais, partindo de uma concepção atrelada ao livro didático e a não contextualização de textos de circulação mais abrangentes. Quando perguntados se gostavam de ler e escrever e, o que mais gostavam de ler e escrever. Os alunos foram sucintos e responderam da seguinte forma:

Leitura e escrita na visão dos alunos

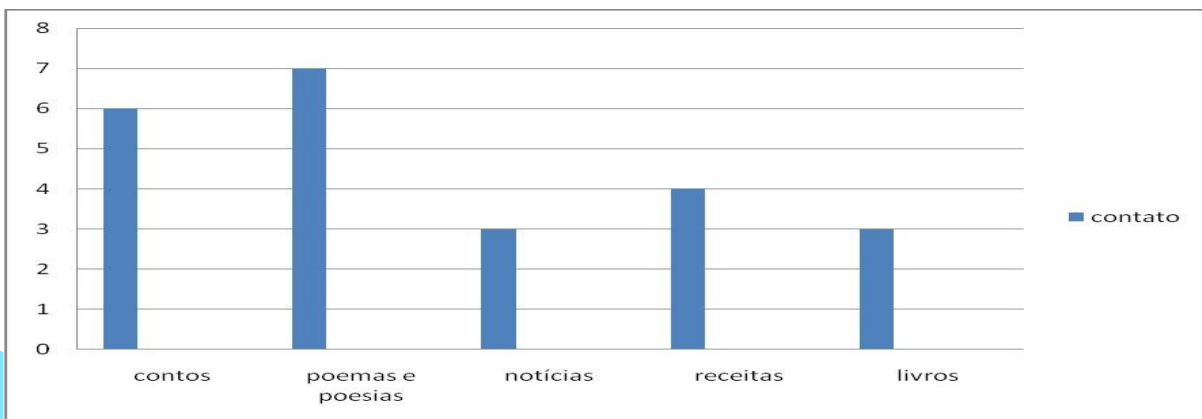


FONTE: elaborada pelo autor

Percebemos que a maioria dos alunos lê e escrevem. Esses alunos dizem que possuem uma preferência e tem o contato com uma diversidade de gêneros textuais como, músicas, contos e livros religiosos, de assombrações e de ações, poemas, poesias, cordel. Esses três últimos talvez sejam devido a terem características iguais, como as rimas.

Já, os alunos que não tem o hábito de ler e escrever confidenciaram que apenas fazem as tarefas em sala de aula e que não costumam fazer leituras ou produzir textos em horários fora da escola. No caso das produções textuais, os alunos que afirmaram escrever, preferem os poemas, músicas, romance, fábulas, tarefas e história de assombrações. O uso de alguns gêneros pelos alunos mostra que há um contato inicial com a multiplicidade textual e que é na escola que se aprofunda a utilização desse texto revelando um pouco como são as produções dos alunos, seus erros e acertos e também as normas gramaticais. A seguir, questionamos: com quais gêneros textuais você costuma ter contato no dia a dia? Eles responderam:

Contato com os gêneros textuais



FONTE: elaborada pelo autor

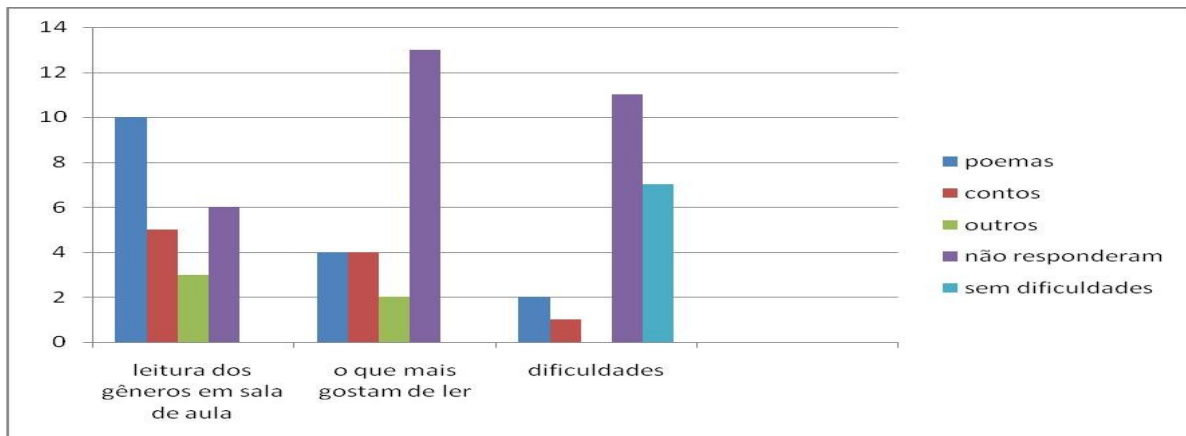
Com base no gráfico, vemos que há uma variedade de textos em que os alunos têm contato diariamente, e que não existe um único gênero textual, mas vários, a maioria respondeu que tinha mais contato com os poemas e poesias.

Vale destacar que alguns alunos dizem ter contato com cartas, quadrinhos e livros, porém, sabemos que os livros não são gêneros textuais e sim um suporte, não respondendo a questão. Percebemos assim, a pluralidade de gêneros textuais que os educandos têm contato, clarificando as diferenças entre os textos e as tipologias. Esses aprendizes também nos revelam por meio dessa

resposta que vários textos possuem circulação em ambientes sociais diferentes e que por meio disso adequam à maneira de escrever e produzir enunciados.

Se tomarmos o livro didático, vemos que estes gêneros citados acima estão presentes nele e que talvez esses alunos tenham deixado se influenciar por ele. De fato, esses textos são passados como lição de casa ou lidos em sala de aula, por esse motivo é que consideramos que os aprendizes fugiram da pergunta. Ao serem indagados sobre os gêneros que mais leem em sala de aula, quais deles mais gostam e em qual deles sentem mais dificuldades, eles responderam:

Relação entre leitura, gêneros textuais e dificuldades.



FONTE: elaborada pelo autor

De acordo com o gráfico, o que os alunos mais leem são poemas e contos, mas ainda destacaram cartas, bilhetes e receitas. Os gêneros textuais expostos acima como os poemas e os contos trazem em sua composição histórias, que podem ser de tipologias narrativas, expositivas e descritas. Isso meche na imaginação dos alunos, chama atenção deles, e fazem com que se sintam livres para entrar nesse universo da leitura.

Em relação ao gosta de ler, percebe-se que a maioria não sabe o que gostam, quais gêneros preferem. Isso vai de encontro à prática de leitura, pois quando não se sabe o que se quer ler, provavelmente não se costuma buscar fora da escola o prazer pela leitura, ficando restrita a escola e até na hora de ler eles sentem vergonha, gaguejam, e tudo isso contribui para um distanciamento entre alunos e a leitura. Os poemas e os contos são os mais explorados e por isso mesmo, mais próximo dos educandos. Cabe aos aprendizes buscarem novos textos, que possam se aventurar e desenvolver a leitura.

Já as dificuldades estão ligadas aos gêneros com os quais tem contato e leem e também gostam - os poemas e contos, mas apenas três alunos responderam esse dois gêneros. Já outros onze não souberam responder, talvez pela pouca relação com os textos e ainda sete alunos disseram não ter dificuldades. Para esses, os gêneros citados já são dominados por eles no quesito leitura.

Segundo Lerner (1996, p.6): “Ler é adentrar-se em outros mundos possíveis. É questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer”.

Ler é explorar o imaginário e buscar novas ideias, é dá sentido e interpretar de maneira crítica o que o texto diz. É por meio dos gêneros textuais que os alunos começam a ter relação com a leitura e com a escrita. Sobre as justificativas para as dificuldades apenas uma aluna respondeu, dizendo que sua maior dificuldade era na “pontuação e em gramática”.

Considerações finais

O processo de ensino e aprendizagem por meio dos gêneros textuais não se volta particularmente para a prática, mas para uma compreensão do funcionamento social e histórico de cada comunidade linguística. É perceptível que, no fazer pedagógico, a ênfase deve ser dada às tipologias textuais e a valorização das características dos gêneros, pois, só assim o ensino terá um novo sentido e será aprofundado o linguajar dos alunos, desenvolvendo a autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual.

Sempre se deve pensar em quais tipos de gêneros se leva para a sala de aula. É preciso fazer uma seleção daqueles que mais circulam socialmente, funcionando como entidades comunicativas, e não fazer uso de textos repetitivos ou que são de difícil circulação ou que não estão ao alcance dos educandos. Dessa forma, o professor precisa rever sua prática para chamar a atenção dos educandos, pois a maioria das escolas ainda estão arraigadas a um ensino tradicional, no qual as aulas tem se tornado mecânica e enfadonhas.

Dizemos que cada situação vivenciada pelos alunos fora da escola os remete a uma prática discursiva diferente, pois cada grupo ou comunidade requer uma comunicação adequada a sua cultura e é por meio dos gêneros que se tem a aquisição e o domínio discursivo dessas facetas.

Assim, diante da multiplicidade de gêneros existentes, surge uma questão: qual o gênero ideal para utilizar em sala de aula? A essa pergunta só existe uma resposta, trazer do cotidiano dos alunos textos em que eles já possuam algum conhecimento, um contato prévio. Por meio dessa escolha se iniciará a inserção dos elementos constitutivos dos gêneros. É claro que cada gênero possui uma adequação seja para a escrita, seja para a leitura (oralização).

Diante do exposto, vemos que os discentes possuem dificuldades de aprendizagem em relação a vários gêneros, talvez pelo pouco contato com os mesmos e por sabermos que esses alunos ainda precisam aprender conceitos, características e particularidades de cada texto. É importante destacar que muitos não souberam responder algumas questões, o que mostra a pouca habilidade com os gêneros, mas consideramos que são alunos dos 5º ano e que ainda não tem um

conceito formado do que sejam os gêneros textuais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia, Enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sócio-Discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALLIDAY, M.A.K e HASAN, R. **Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LERNER, Delia. **É Possível Ler na escola?** Revista Lectura y Vida, ano 17, no. 1, março de 1996.

MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação**. In: A. M. KARWOSKI; B. GAYDECZKA; K. S. BRITO. (Orgs.) **Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue. 2005. p. 17-34.

MAINGUENEAU, D.L'analyse Du discours: introduction aux lectures de l'archive. Paris :Hachette, 1991.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In; **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. A Construção do mobiliário do mundo e da mente, In: **Linguagem, cultura e categorização**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

_____. **Perspectivas no ensino de língua portuguesa nas trilhas dos parâmetros curriculares nacionais**. In: 9º Congresso brasileiro de língua portuguesa. PUC/SP, 2002.

_____. **Da fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

PONTES, João Pedro (2006). Estudos de caso em Educação matemática.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura para crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Ângela (org). **Os significados do letramento: uma novaperspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 1995.